

1

«**F** *idj*, QUE É FEITO DO CARLITOS?», perguntou a minha mãe. Quando caí em mim, os olhos dela estavam fechados e o seu rosto também, como se os rostos chegassem também eles a um fim. Ela tinha uma das mãos entrelaçada na minha, a outra sobre a grade de ferro da cama de hospital. Tinha prometido que não me deixaria abater pelas olheiras, pelos cabelos brancos caídos sobre a sua pele escura, pelas refeições que ficariam a meio ou pelo soro ligado às veias, mas não fui capaz de me preparar para a despedida.

«Onde estão os meus relógios?» foram as últimas palavras do pintor Salvador Dalí. «Adeus, miúda. Despacha-te», as do ator Humphrey Bogart. «Uma festa! Vamos fazer uma festa!», as da ativista e enfermeira Margaret Sanger. «*Fidj*, que é feito do Carlitos?» foram as da minha mãe. Dei por mim sem lágrimas nos olhos, sem exalar um único suspiro, mas com um aperto no peito que me paralisava todo o corpo.

Demorei até conseguir carregar no botão para chamar a enfermeira. Pensei que, se permanecesse ali indefinidamente, não a perderia, à minha mãe. Não importava que já não falasse ou que os seus olhos não me contemplassem, a minha mãe ainda estava ali comigo, o seu corpo intacto debaixo dos lençóis

brancos, os dedos da sua mão ainda entrelaçados na minha. O tempo parou, e só voltou a retomar a sua marcha quando senti o telemóvel a vibrar no bolso das calças.

Era a Luana. A voz dela, do outro lado da linha, trouxe-me de regresso à realidade. «Zé», ouvi-a suspirar. Faltavam-me as palavras para lhe comunicar o que já era esperado. Suspirei de volta, e ela entendeu. «Vem para casa, por favor.» A partir daí, não havia como escapar.

Só me consegui levantar quando a enfermeira chegou ao quarto e cobriu o rosto sereno com um lençol, um ritual ao qual ela já devia estar mais que habituada, mas que a mim me doeu: já não era só eu que sabia a minha mãe morta. Olhei em volta, e contei os poucos pertences deixados naquele quarto, com a sensação de que os objetos continuavam a respirar, uma ousadia que me parecia perversa, visto que a sua proprietária acabara de morrer: um velho pente com cabelos brancos agarrados, uma escova de dentes com vestígios de pasta Colgate, um copo de lata que enferrujava com a humidade, o seu livro de orações.

De pé, e a perguntar-me se teria coragem para virar costas à minha mãe, voltei a ouvir o eco: «*Fidj*, que é feito do Carlitos?» O eco tornou-se tão ruidoso na minha cabeça que pensei que seria impossível fugir-lhe. Acalmei-me, lembrando o que eu já dissera a mim próprio tantas vezes nos últimos anos: «O Carlitos está morto.»

Consegui silenciar o ruído, mas a frase continuou a reverberar, baixinho, como uma música de fundo para os meus pensamentos. Assaltado por uma coragem que pensei não ter, abandonei o quarto de hospital e levei aquelas palavras para lá desses corredores onde tinha passado as últimas semanas, mordendo copos de plástico de onde bebia litros de café, nesse lugar onde se impunha o cheiro fétido a doença desinfectada. Caminhei vagarosamente até ao parque de estacionamento, ainda com aquela esperança ilusória de que tudo não passasse de um sonho, mas não acordei nem na cama, nem no sofá, nessa realidade paralela em que as mães duram para sempre.

Entrei no carro e sentei-me ao volante. Tirei o telemóvel

do bolso, procurando nos contactos o do meu irmão. Ele visitara a mãe há semanas, e tinha voo marcado para o mês seguinte. Eu sabia bem como a notícia iria destruí-lo, mesmo que ele nunca deixasse transparecer a sua tristeza. «Júlio»: fiquei muito tempo a olhar para as letras que se formavam no ecrã, até conseguir carregar no botão da chamada. Tal como acontecera com a Luana, ele soube logo do que se tratava. Pouco disse, entre nós imperou o silêncio, um silêncio onde cabia o peso das memórias que nos uniam aos três.

Antes de arrancar, olhei lá para fora, para a escuridão de tons alaranjados das seis da tarde, e percebi como a cidade era bela à noite, uma beleza que não se apagava, nem mesmo quando se perdia uma mãe. A noite trouxe-me uma só imagem: a dele. A dele num tempo que parecia já se ter extinguido, como se não fosse meu, mas de uma outra pessoa que em tempos habitara o meu corpo. Vi-o com uns dez anos, no topo das escadas, o cabelo penteado com gel, as roupas engomadas pela mãe. E, de repente, o grito do Ipiranga que lhe saía da boca, o chamamento que disparava como uma flecha, abrindo todas as portas dos corredores. Esse grito acordou algo dentro de mim: uma vontade adormecida de recordar. Uma vontade de reencontrar um «eu» que estava mais que enterrado, mas do qual seria impossível fugir.

Liguei o carro e consegui sair do parque de estacionamento, cumprindo o trajeto que já me era familiar há meses. Fí-lo de forma mecânica, com a cabeça ocupada por um conjunto de imagens que tanto evocavam esse passado longínquo, do qual me tentara livrar, como imagens mais recentes, de um novo tempo que eu, a mãe e o Júlio tínhamos construído. Onde guardar todas estas recordações, que existiam dentro de mim, e que, de um momento para o outro, insistiam em querer sair?

Soube da morte da minha avó através de uma carta. Lembro-me do momento em que o envelope pardo foi entregue à minha mãe e ela me pediu que o lesse. Vi as lágrimas a desenharem-se nos seus olhos quando lhe relatei que essa senhora, de quem eu mal me lembrava, morrera em São Nicolau, em

Cabo Verde. Naquele momento, senti-a arrependida da decisão que tomara de abandonar o seu país, chegando, sem nada, a não ser a esperança de uma outra vida, a Portugal, um lugar a quilómetros e quilómetros de distância da terra-mãe, num outro continente. Perguntei-me se seria isso que o Júlio agora sentia, e perguntei-me qual seria a reação dos meus filhos quando soubessem da morte da avó. Uma avó que era diferente da minha: eles sempre a tinham tido por perto.

Quando cheguei a casa, a Luana já os tinha reunido na sala: ao Pedro e à Joana, os dois expectantes, sabendo o que iam ouvir, mas não querendo ouvi-lo. Não entrei em rodeios. Disse-lhes logo: «a *nha* Teté morreu.» A Joana desatou a chorar, o Pedro manteve-se silencioso, como se fosse impossível — ou, melhor, desaconselhável — que tentássemos entender as suas emoções. A Luana abraçou-nos, a mim e à Joana, e deixou o Pedro em silêncio. Mas não lhes contei das últimas palavras da minha mãe: não sei se por medo ou se para me distrair do seu peso...

Os dias seguintes foram ocupados a organizar o funeral, com os preparativos a deixarem-me exausto, mas, de certa forma, a alhearem-me da verdade: o corpo da minha mãe estava prestes a tornar-se cinza. Nesses dias em que tudo me parecia uma abstração, um filme a que eu assistia à distância, só conseguia recordar a minha mãe de um outro tempo. A imagem que se impunha na memória não era a dos últimos anos, com o rosto cada vez mais envelhecido e os cabelos grisalhos; mas antes a imagem da minha infância: o rosto livre de rugas, as mãos delicadas, os cabelos escuros escondidos pelo lenço na cabeça. O corpo debruçado sobre a máquina de costura, o barulho que só era interrompido pela sua voz quando chegava a hora de preparar o almoço ou o jantar.

Quando o dia do funeral chegou definitivamente, não senti o embate de imediato: continuava a lembrar-me dela assim, essa imagem imaculada que se repetia na minha cabeça, sem as marcas da doença e do sofrimento que lhe tinham roubado os últimos dias. De manhã, antes de partirmos para a Igreja, lem-

bro-me do silêncio. Apertei a gravata ao Pedro, atei os cordões à Joana, entrámos no carro e não dissemos uma única palavra ao longo do trajeto. Nesses dias de preparativos, pouco tínhamos falado uns com os outros. As refeições tinham sido feitas nesse silêncio inquietante, mas que nenhum de nós conseguiu quebrar, nem mesmo a Luana.

Quando estacionei em frente à Igreja, ouvi o sino a dar as nove horas. À porta, estava já o Júlio, vestido a rigor, com um ar sério, mas abatido. Ele sempre fora o mais forte, mesmo sendo o mais novo. Ao ver-me, nesse estado de desnorteio, abraçou-me. Já não me lembrava da última vez que tinha abraçado o meu irmão. Depois, a Igreja foi-se enchendo... Surgiram os rostos de todos os dias, aqueles que nunca se esqueceriam porque estávamos sempre lá: eram as pessoas que frequentavam os mesmos cafés, as mesmas mercearias, as mesmas festas. Os que o tempo não fora capaz de apagar, ou os que tinham surgido mais tarde na vida, mantendo-se até àquele momento.

A cerimónia, longa e carregada de palavras, culminou com o desaparecimento do caixão para que o corpo fosse cremado. Nesse momento, o Júlio agarrou-me pelo braço, como se, pela primeira vez, pedisse ajuda ao seu irmão mais velho. Agarrei-o também e não contive as lágrimas. Pensei que nunca nos largaríamos, não nos poderíamos largar, éramos os únicos sobreviventes de um tempo que já não existia. Foi a constatação. A constatação de que aquele corpo, que eu mesmo vestira, ia transformar-se em pó.

Quando nos desfizemos um do outro, senti uma outra mão tocar-me. Olhei para o lado, e vi-a, à minha própria filha. Ela já tinha ouvido falar da morte em histórias e relatos de amigos, «a minha avó agora é uma estrelinha no céu», contavam-lhe, mas com sete anos já se desconfia das estrelas. Enquanto todos enxugavam os olhos, ela olhava para um papel que se afixava no altar, junto a uma fotografia da avó. Talvez se questionasse sobre o que aconteceria depois da morte, tal como eu me questionei quando soube que a minha avó partira. Mas não foi essa pergunta que ela verbalizou em voz alta. Devagarinho,

ouvi-a juntar as sílabas do cartaz no altar: «Paz à alma da Teresa. Mãe e avó sempre dedicada.»

As minhas lágrimas secaram quase instantaneamente, como se a tristeza fosse engolida por um novo presente que se anunciava ali mesmo, num funeral. Eu nunca tinha ouvido a minha filha ler. Voltei a lembrar-me dele, do Carlitos. Percebi, ao ouvir a voz da Joana a decifrar o código que era a linguagem, que havia uma mãe Teresa antes do Carlitos e uma mãe Teresa depois do Carlitos: duas Teresas que se confundiam no meio de tantas outras, mas estas duas marcavam eras bem distintas na sua vida.

Havia Teresa, a analfabeta, e havia Teresa, a que sabia ler graças a ele. E essas duas pessoas, misturadas com todas as outras, iam viver numa pequena urna, como se fosse possível que um só recipiente albergasse todas as histórias de uma pessoa em vida. Como pudera a minha mãe desaparecer em segundos, quando ainda vivia tão intensamente em mim e na voz da minha filha?

2

O DIA EM QUE CHEGUEI de Cabo Verde ao Asilo 28 de Maio surge numa névoa. Com quatro anos, aquilo de que mais me lembro é da travessia de barco, que eu imaginei ser de piratas usurpadores. Talvez tenha sido isso que o pai me disse ao ouvido: «Somos piratas, vamos atacar uma ilha.» No barco, senti-me isso mesmo: um pirata com uma pala no olho. Depois, veio a terra de pescadores, uma grande encosta que me custou a subir, o cheiro a rio e a peixe.

Finalmente, o caminho em terra batida, o rolar das bolas de futebol, as cabras que pastavam em frente a um grande edifício, a língua crioula, a única que eu conhecia até então e que se ouvia expressiva nos sermões das mães e nas cantorias dos pais. O grande edifício: um palácio labiríntico, com as escadarias austeras ligando as caves, onde vivíamos, ao piso superior.

A nossa casa, como todas as outras, tinha sido feita com taipais de madeira. O que começara por ser um espaço vazio, com as marcas do tempo inscritas no teto e nas paredes, foi ganhando mobília: um pequeno fogão, colchões, um sofá encontrado no meio do nada, mesinhas de cabeceira, uma velha guitarra que o meu pai construiu.

Ainda em miúdo, contaram-me que aquelas paredes ti-

nham sido lugar de passagem obrigatória para os que chegavam a Lisboa no século XIX. Na altura, temia-se que os viajantes pudessem trazer alguma doença exótica para território português, e, por isso, era ali que pernoitavam, em alas separadas umas das outras, para evitar contágios. Os meus vizinhos diziam que, mais tarde, aquele edifício servira de orfanato para meninas, e eu por vezes gostava de as imaginar a passarinhar pelos corredores, vestidas de branco, a falar uma língua diferente da nossa. Mas, para mim, o Asilo tinha um outro significado: o Asilo era casa, e casa era também Cabo Verde. Fui uma só vez à terra que deixei com quatro anos de idade, mas sempre me senti de lá: a mãe e o pai faziam questão de me trazer *Saninclau*, de onde vinham, para as paredes do Asilo.

Para o pai, conhecido por todos como o «Gabi da viola», qualquer som que se ouvisse por aquelas paredes era pretexto para se inventar música. Ele gostava de dizer que tinha duas musas musicais: a minha mãe, claro, e Cesária Évora... «*soda-de, sodade dessa minha terra, São Nicolau*», cantarolava ele enquanto passeava pelos corredores. Lembrar-me dele era lembrar-me das noites no salão de baile do Asilo, a «Voz da Ilhas», onde liderava a banda com a viola. Todo o salão parava quando ele se levantava para cantar as mornas, fazendo as raparigas cair de amores nos braços dos rapazes.

Mas isso era nos dias de folga, quando o Asilo se lançava numa festa, com os acordeões, os cavaquinhos, o ferro e a gaita em ação: o funaná e a koladera a fazer tremer as paredes. Nos dias normais, em que o corpo era a força do ofício, o meu pai era um mero pedreiro e a minha mãe enxaguava o chão de uma faculdade... Cabo Verde tornava-se um sonho que só regressava aos sábados, com o calor dos instrumentos a pedir aos corpos para dançarem.

* * *

Ao regressar do funeral, não consegui refrear o impulso de o procurar. Fechei-me no escritório, abri o portátil e preparei-

-me para deparar com o vazio. Dali, conseguia ouvir o barulho da torneira da cozinha, os murmúrios da Joana com as bonecas no seu quarto, os palavrões que o Pedro dirigia ao computador — com quinze anos, a frustração só encontra lugar nos jogos de exércitos e metralhadoras. Eu queria mover-me, mas não conseguia. Não conseguia acreditar que ela se fora, mas ainda era mais difícil acreditar que ele, o Carlitos, se podia ter ido também.

Entrei no Facebook e escrevi: «Carlos dos Santos». Os resultados foram tantos. Homens grandes, homens pequenos, miúdos, adolescentes, velhos... pretos, brancos, mulatos... Como é que eu ia encontrar o rasto de um homem que não via há tantos anos? «Carlos dos Santos, Lisboa». Mais de cinquenta resultados. «Carlos dos Santos, Almada». Uns vinte. «Carlos dos Santos, Cabo Verde». Não encontrei nenhum.

Regressei à imagem que me tinha vindo à cabeça no dia em que a minha mãe morrera: ele no topo das escadas, o grito que soava por todo o Asilo 28 de Maio, esse lugar insólito que era a nossa casa, numa pequena terra em Almada chamada Porto Brandão.

Ele gritava e os miúdos saíam das suas casas com as mochilas às costas. Eu era um deles. Quando passava pelo Carlitos, olhava-o com reverência. Ele era o miúdo mais velho, a quem devia respeito. Quando o via entrar na sua casa forrada de livros, mesmo em frente à casa onde morávamos, cumprimentava-o com um solene acenar de cabeça. Partilhávamos um pátio, onde a mãe plantava milho, batata, ervilha e mandioca, como em Cabo Verde, num terreno que se encontrava sob a ameaça constante de ratazanas que faziam caminho no lodo. Era ali que os miúdos gostavam de jogar à bola e de provar pêssegos enquanto o Carlitos se encostava a uma árvore a ler. Ele não gostava de se meter em brigas, preferia recitar trechos de livros, pregando lições de moral aos mais novos e até mesmo aos mais velhos.

Um dia, eu e o Nelson, o meu melhor amigo na altura, virámos a minha casa do avesso, desfazendo sofás e almofadas.

A mãe correu atrás de nós, a mão em riste, pronta para nos dar uma valente surra. Foi o Carlitos quem veio em nossa defesa, dizendo: «Calma, Teté, são só crianças.» Teté, era assim que lhe chamavam, à minha mãe. Tão magra e pequenina, sempre com um lenço na cabeça e as mãos ocupadas com alguma coisa: a máquina de costura, as panelas no fogão improvisado e, claro, os cabelos das miúdas que passavam pelos seus cuidados. Ela era a cabeleireira mestra do Asilo 28 de Maio, a quem todas tratavam por «Teté das tranças» ...

Mas o cabelo dela, só o conheci por debaixo desse lenço que usava na cabeça, esse mesmo que lhe segurava os poucos cabelos que lhe restavam quando morreu. O lenço morreu com ela. O lenço, e as memórias que ela guardava desse passado: os fins-de-semana a costurar, as conversas com as outras mães e avós nos corredores labirínticos, os primeiros passos do meu irmão no pátio, as idas à Igreja aos domingos de manhã... ou o dia em que, agarrada a um livro de orações que o padre lhe tinha oferecido, pediu perdão pelos seus rasgos de fúria quando eu fazia asneiras... «Perdoai-me, que o meu filho é bom menino», dizia ela, enquanto se benzia.

Essa vez, com o Nelson, não foi a única em que o Carlos tentou apaziguá-la. Quantas vezes não andava ela atrás de mim, e eu a fugir pelos corredores e escadarias, só para ser salvo pelo Carlos. Ele vinha sempre em meu auxílio, pousando a mão no ombro dela, pedindo-lhe que tivesse calma. Ele era o meu protetor, muito antes de eu o saber. Quando convencia a minha mãe a desistir da luta, vinha ter comigo e piscava-me o olho, mas não sem deixar uma advertência: «Tem cuidado contigo, e não preocupes tanto a tua mãe.»

A busca pelo Carlos revelou-se infrutífera, como eu já previa. Derrotado, deixei o escritório e pus-me a dar voltas pela casa, tentando lidar com a inquietação do funeral e da morte. Tinha de reagir, pensei eu; fazer algo que me impelisse para a frente, e não para trás. Sem pensar muito no assunto, abri a porta do quarto da Joana. Já não a encontrei com as bonecas, mas antes debruçada sobre um livro, procurando as palavras

com essa sede de criança. Uma sede que a minha mãe, mesmo com mais de quarenta anos, nunca tinha perdido. Quis contar à Joana que a avó também já sentira o ímpeto pelas palavras, mas não sabia como... havia tantas histórias por contar naquela família, e eu não sabia como é que permitira que o esquecimento entrasse nas nossas vidas.

Aproximei-me dela, acho que nem me pressentiu. Vi que lia um livro infantil, cheio de animais e cores: gafanhotos, joaninhas, moscas... sentei-me ao seu lado. Aí, ela sentiu a minha presença, mas não me repeliu, ainda não tinha chegado a essa idade. Deu-me a mão e, com a outra, apontou para as palavras que se formavam na página, e leu: «A joaninha levou o gafanhoto a ver o pôr-do-sol...» Leu-me o livro de fio a pavio. Uma história de animais que se apaixonavam.

Quando terminou, dei-lhe um beijo na testa. «Parabéns, não sabia que já lias tão bem.» Ela sorriu-me, o peito cheio de orgulho. Tapei-a com os lençóis, desejei-lhe boa noite e desliguei as luzes. «Boa noite, pai», disse-me. E naquela «boa noite» vibrou essa tristeza que pesara sobre nós todos durante o dia. Quis protegê-la desse sentimento sufocante, mas não havia como.

Saí do quarto, caminhei até à última porta do corredor. A Luana estava já debaixo dos lençóis, meio adormecida. Pela primeira vez nesse dia, ri-me. Ri-me da facilidade com que a minha mulher cedia ao sono. Também eu me deitei, ao seu lado, e dei por mim a perguntar-lhe, querendo muito que ela desper-tasse: «Já reparaste como a Joana lê bem?» «Huh?», resmungou, mexendo-se nos lençóis. «A Joana, a Joana lê muito bem.» «Claro que lê bem», respondeu. «Ela agora está sempre a ler.» Não disse mais nada, voltou a revirar-se nos lençóis e a adormecer. Eu, pelo contrário, sentia-me inquieto. Era naquelas alturas que falava com a minha mãe: quando as memórias me começavam a assaltar, deixando-me agitado. Queria perguntar-lhe o que se deve preservar na memória e o que se deve largar. Mas dela já só pairava essa última frase, como uma súplica: «*Fidj*, que é feito do Carlitos?»

Paralisado por esse eco, voltei a chamar a Luana. «Luana...». Desta vez, ela irritou-se. «Que foi?». Tentei amansá-la, pousando a minha mão no seu ombro, como fazia o Carlitos com a «Teté das tranças». «Lembras-te do Carlitos?». Ela murmurou qualquer coisa, como quem assente. «Sabes dele?», insisti. «Tanto quanto sei, esteve mal... deve ter morrido.» Ela não teve dificuldade em adormecer pela terceira vez, eu mantive os olhos bem abertos durante a noite toda.

© Sibila Publicações